

IMORTAIS DA ACADEMIA
EPISÓDIO 15 – LITERATURA IRMÃ GÊMEA DA LIBERDADE

01:00:17:15

ABERTURA

01:00:22:07

OFF

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,
Arte e ciência, pensamento e memória,
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

01:01:03:15

VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia

01:01:22:00

MARCO LUCCHESI

A poesia não é escrava da erudição. A poesia é um semitom, é alguma coisa superior a toda confluência de saber. Mas a poesia é também um saber. É uma forma, como a literatura, de compreender o mundo. Arrostar, olhar o mundo, lançar-se no mundo. Esse abismo nitiano da queda, abgrund, como se diz em alemão, suspenso numa condição, olhar o abismo, ter risco. Porque senão você poderia trabalhar numa instância burocrática, não numa universidade, e não trazer uma aventura par o espírito, com todos os riscos que isso implica, com todas as dificuldades

01:02:07:17

VIDEOGRAFISMO – Cadeira 15: Literatura irmã Gêmea da liberdade

01:02:14:03

MARCO LUCCHESI – Atual ocupande da Cadeira 15

Eu tenho um grande inimigo. Um adversário terrível e diante dele eu me coloco como, e sempre me coloquei, com grande intensidade, que é uma espécie de positivismo, de neo positivismo, que de alguma forma acaba reduzindo o papel de certa universidade no Brasil, e não apenas no Brasil. E eu bebi Nietzsche, eu me intoxiquei de Nietzsche. Eu tomava Nietzsche na veia, e as vezes ainda tomo. Na perspectiva de uma questão contra um sistema totalizante, fechado, sobretudo numa instância burocrática. A mim interessa, como dizia Roland Barthes, o crítico e a prostituta, eles ficam na esquina. Porque na esquina, é na confluência que as verdadeiras questões acontecem. Einstein, por exemplo, defendeu a teoria da relatividade no sindicato daqueles que trabalhavam com madeira, por exemplo. As vezes o saber excessivamente e o saber pouco. Qual é o limite? Erudição é crime? Ou erudição é uma forma de namoramento profundo pelas questões? Pra mim, de alguma forma, a poesia é uma espécie de armistício dessas pluralidades, dessa vontade, digamos, de retomar o futuro. De não perder o futuro, e o futuro é plural, o futuro é interdisciplinar, transdisciplinar, o futuro é um sonho do todo. Sem ser totalidade. Mas um todo que eu percebo nos fragmentos do agora.

01:03:44:28

MAURÍCIO SANTANA DIAS – Doutor em letras

Olha, o Marco eu conheci pessoalmente já faz vinte e cinco anos, na UFRJ quando eu fazia graduação, ele tinha acabado de entrar como professor. E assim, à partir de então eu comecei a tomar conhecimento dele, da obra dele como poeta, como tradutor, sobretudo como tradutor no início, né? E acompanhar as várias atividades que ele fazia naquele Rio do início dos anos noventa. Ele é um poeta difícil de ser definido, porque ele bebe de muitas fontes, desde as fontes mais clássicas, mais antigas, passando por várias línguas, persa, o árabe, as línguas clássicas antigas, grego, latim. Então é uma poesia que acaba se alimentando de tudo isso, mas numa perspectiva muito contemporânea de quem está procurando seu próprio caminho. É uma coisa muito pessoal. Ele sempre foi muito alheio a tendências, ou a modismos, eu acho isso admirável, porque hoje muitas vezes, tanto na poesia, quanto na literatura, na prosa, você vê certas tendências que se afirmam, e ele passa ao largo disso, não tem preocupação de ser tomado como isso ou aquilo, e é uma mente muito aberta, em diálogo sempre com as artes, com a filosofia, com as ciências. É um estudioso também da filosofia, da ciência, da matemática, da música. Ele mesmo é músico. Então, isso acaba confluindo para a poesia dele, mas sempre numa perspectiva de busca, de encontrar formas novas, inclusive com um ironia. Eu lembro de um poema em que ele faz uma espécie de auto retrato bastante irônico, que é também essa marca dele, de manipular essas formas e construir imagens inusitadas, e as vezes até cômicas.

01:05:46:22

OFF

Marco Lucchesi
é o nome
de uma nuvem
árdua pluriforme
ligeira
e imperscrutável
que se desmancha
na medida
em que se mostra
tão maleável
como
um serafim
tão
orgulhoso
como um paquiderme
um poço
estranho
mudo
e longilíneo
o medo para
fora e o grito
para dentro
Marco Lucchesi
nuvem
paquiderme

fera abismo
sem fundo
anjo da terra
monstro de
cega e cabal
contradição.

Autopoema
Marco Lucchesi

01:06:30:08

MARCO LUCCHESI

Pra mim é preciso correr risco. E esse risco se resolve na minha vida num pacto de solidão e ao mesmo tempo de regime de fraternidade. A fraternidade possível, comigo mesmo e com os homens. Uma república de letras, que sinta ainda o fervor das coisas e das ruas. Uma prática que é poética, essencialmente poética, e portanto política, sem reduções. A política e a poética se complementam desde que cada qual tenha a sua gravidade, a sua abertura. Por isso eu vou as prisões de Bangu, vou visitar, não como vai dar aula, como quem vai colonizar. Mas como quem vai aprender, e não é uma figura retórica, uma saída de segunda categoria. Mas é de fato, muitas vezes, compreender a força da literatura dessa intensidade sobre a qual falávamos, dentro das prisões. Sobretudo numa lei belíssima, que é a lei da remissão de pena, que você adquire a liberdade, a maneira que você vai lendo e escrevendo sobre os livros lidos. Isso já é uma realidade que vai aos poucos se configurando no país. Falta, evidentemente, colocar escolas, mais escolas nos presídios. E não prender, mas trazer às escolas, dentro ou fora dos presídios. E aí eu vejo e digo aos meus alunos a minha própria prática. Paulo Freire falava da educação como prática para a liberdade, e a literatura vivida por exemplo na prisão, talvez em alguns momentos é mais forte do que em muitas universidades, porque ali está um projeto de vida, de liberdade, conquista. E pra mim é assim que funciona. A prisão ela me dá uma perspectiva fundamental dessa humanidade, dessa, como é que posso dizer? Dessa espécie de metafísica, dessa espécie de ética, construída à partir das ruínas. Mas dessas ruínas criar um mundo novo. E esse mundo novo vem “dostoievskianamente”, daquela prostituta de “Crime e Castigo”, vem da “Memórias do subterrâneo” com Mestre Graça. É uma experiência de liberdade, mas é sempre uma experiência de liberdade, mesmo na forma negativa. Eu costumo pensar o seguinte. Levo muitos livros, nenhum livro meu, nenhum livro meu, porque aí seria cabotismo. Livro de todos às prisões. E a minha ideia nasceu por causa de um contato de um rapaz que estava na prisão e que me pedia livros. E ele escrevia assim um epigrafe na carta “literatura é irmã gêmea da liberdade”. Concordo plenamente, foi o que eu sempre acreditei. Comecei a mandar livros. Ele dizia ‘aqui nessa prisão de Dracema, nós somos considerados a acrópoles do sistema penitenciário.’ Palavras dele. ‘E fazemos um concurso todo mês, uma vez é Dostoiev, outra Clarice.’ Eu fazia assim, não acreditava. Perguntaram a mim depois, ‘o quê que ele fez?’ Não sei, ele não perguntou o que eu fiz! Vou perguntar eu a ele o que ele fez? Não fizemos nada, estamos construindo.

01:09:26:26

OFF

A mesma cadeira hoje distinguida pela singularidade da poesia de Lucchesi já foi notabilizada pelos versos de Guilherme de Almeida. Considerado por Manuel Bandeira o maior artista do verso em língua portuguesa, Guilherme de Almeida é quem inaugura a abertura das portas da academia aos modernistas.

01:09:52:02

MARCO LUCCHESI

Guilherme de Almeida nessa cadeira também faz um contraponto poético muito interessante. Porque Guilherme de Almeida, ele tinha uma grande erudição poética, e uma grande memória poética. E aqui eu me refiro a memória poética no sentido do uso, digamos, do decassílabo, obviamente em Camões. Ele era grande conhecedor, íntimo. Ao mesmo tempo ele sabia como funcionava em Casimiro uma determinada sonoridade. E ele foi construindo portanto, um grande amálgama, claro, colocando a sua própria digital, de toda essa grande tradição. E foi considerado de fato um poeta exímio, um poeta de grande inteligência do arranjo poético. Então Guilherme de Almeida ele é um pouco, pra mim, nessa cadeira também e dentro da academia uma espécie de grande antena que percebe todos os movimentos, ou talvez um grande sismógrafo da poesia, pensando na poesia real que abala, tentando trazer isso.

Guilherme de Almeida – Posse 1930

01:10:31:18

JOÃO CÉZAR CASTRO DA ROSA – Doutor em Letras

Há um conjunto de autores para os quais o Modernismo de fato não teve a visceralidade de um Luiz Aranha na poesia em São Paulo, ou do Mário de Andrade, ou do Oswald de Andrade, ou da Tarcila do Amaral, da Anita Malfatti. Isso é absolutamente correto. Para esses autores, para esses poetas, o modernismo foi uma provocação linguística que eles assimilaram. E depois muitos deles retornaram a formas artísticas anteriores ao Modernismo. Por isso se diz isso do Guilherme de Almeida. Porque depois da sua experiência modernista, o Guilherme de Almeida retorna ao soneto. Ao mesmo tempo é verdade que para o Guilherme de Almeida o modernismo foi uma provocação de linguagem muito mais que um movimento adotado visceralmente. A contribuição do Guilherme de Almeida para a literatura brasileira, é uma contribuição muito rica. Dou um exemplo. O primeiro cultor, ou se assim desejar, introdutor de um determinado tipo de verso na literatura brasileira, que é o verso japonês, que é o haikai, foi Guilherme de Almeida. Que não apenas introduziu sistematicamente na poesia brasileira, como foi um dos primeiros produtores de haikai na literatura brasileira. Posteriormente forma adotada por exemplo, por um Paulo Leminsk, e contemporaneamente pela poeta Alice Ruiz.

01:11:51:15

OFF

Lava, escorre, agita
a areia. E enfim, na bateia,
fica uma pepita.

O haikai

Guilherme de Almeida

01:12:04:18

VINHETA – Estamos apresentando
Imortais da Academia

01:12:22:26

VINHETA – Voltamos apresentar
Imortais da Academia

01:12:31:23

OFF

A história da cadeira quinze tem início com Olavo Bilac, o príncipe dos poetas. Ele, que veio a se tornar símbolo do movimento parnasiano brasileiro, elegeu outro nome emblemático como patrono de sua cadeira: Gonçalves Dias, o expoente máximo da nossa poesia indianista.

01:12:57:04

MARCO LUCCHESI – Atual ocupante cadeira 15

Foi uma irresponsabilidade da Academia Brasileira de Letras de ter me colocado nessa cadeira, e eu, ao mesmo tempo também, a tal ponto que convém lembrar, quando morre Olavo Bilac, a ideia era barrar a cadeira, interromper a cadeira, porque a cadeira havia atingido uma glória notabilíssima de ter Bilac, que funda, que foi um dos membros fundadores da academia, com Gonçalves Dias. Se a gente pensa, inclusive num apelo popular, essas formas poéticas elas estão de tal modo embrenhadas, fazem parte da nossa história desde o colégio, era impossível continuar. Mas a proposta não vingou, e a cadeira 15 foi tendo seus ocupantes, e sim, não é a única cadeira de poetas, mas de fato tem um começo muito glorioso.

Gonçalves Dias

Patrono da cadeira 15

01:13:49:17

Cássia Santana – Doutora em Letras

Gonçalves Dias é o nosso grande expoente, é o nosso grande nome da primeira geração romântica. E isso se deve ao caráter indianista de suas poesias, de sua obra. E porque ele soube cantar o índio de uma forma que até então ele não aparecia em outros poetas que também contribuíram com poesias indianistas como Gonçalves de Magalhães, ou o próprio Joaquim Norberto. O indianismo presente nas poesias, em Juca Pirama, Os Timbiras ou Leito de Folhas Verdes, ele até se assemelha a desses poetas, mas ele supera pela poeticidade.

Gonçalves de Magalhães

Patrono da Cadeira 9

01:14:32:12

Irineu F. Jones – Professor Doutor

Gonçalves Dias é um caso sério. Saindo do Maranhão que era uma praça importante, um mulato, mas reconhecido pelo pai, recebeu uma educação esmerada, estudou em Coimbra, escreve poesia, ele escreve teatro, ele escreve trabalhos de antropologia. Denunciou fortemente a questão da escravidão. Tem um ou dois poemas sobre o escravo, sobre a escrava, que são poemas importantes. Ele é imediatamente reconhecido como um autor de alta qualidade por alguns nomes importantes do mundo português, Alexandre Herculano principalmente. Imediatamente após o lançamento do seu primeiro livro o Herculano faz um crítica extremamente positiva, dizendo que o fluxo da influência tinha mudado de lado do Atlântico, tinha saído de Portugal para o Brasil, e agora o fluxo era Brasil Portugal. Então isso deu a ele, deu a poesia dele um lugar especial logo de saída.

01:15:54:01

OFF

“No meio das tabas de amenos verdores,
Cercadas de troncos - cobertos de flores,

Alteiam-se os tetos d'altiva nação;
São muitos seus filhos, nos ânímos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas coortes
Assombram das matas a imensa extensão.

São rudos, severos, sedentos de glória,
Já prélios incitam, já cantam vitória,
Já meigos atendem à voz do cantor:
São todos Timbiras, guerreiros valentes!
Seu nome lá voa na boca das gentes,
Condão de prodígios, de glória e terror!”

I-Juca-Pirama
Gonçalves Dias

01:16:44:18

MARCO LUCCHESI – Atual ocupante cadeira 15

De fato essa cadeira ela é uma responsabilidade terrível porque começa com um patrono que é Gonçalves, íntimo da música. Gonçalves num certo sentido podia se aproximar mais tarde, embora eu exagere, exagere a diferença, mas os aproxime também, aquele sentido que o século vinte iria apreciar, sobre outra perspectiva, de amor a música. Essa música tão extraordinária que imediatamente adere e nos convoca. E Bilac dentro dessa grande compreensão da demanda cosmológica latente. Olavo Bilac ele de fato se colocou claramente na profissão de fé, restabelece aquilo que ele acreditava ser um templo grego, que a poesia deveria representar esse templo limpo, sólido, brilhante. Exagerou-se muitas vezes falando de uma frieza em Bilac, sobretudo porque o Modernismo precisou crescer batendo em muitos e sobretudo em Bilac. Mas há um Bilac absolutamente formidável, a meu ver, especialmente, pra continuar a história da cadeira, que é esse Bilac cósmico, da Via Láctea, o caçador de esmeraldas. É uma noite fascinante, a de Olavo Bilac, que tinha, naturalmente, um conhecimento métrico formidável.

Olavo Bilac
Fundador da cadeira 15

01:18:10:13

ANTONIO DIMAS – Doutor em literatura

Foi um cultivador do parnasianismo, um extraordinário poeta, embora as pessoas sempre se refiram a ele de modo pejorativo, o que eu acho equivocados, porque ele desenvolveu uma dupla atividade. Não é? Foi poeta e foi um grande jornalista, um jornalista que de certa forma ficou esquecido. A poesia dele sobrepôs-se ao jornalismo. Como poeta, foi poeta muito jovem, porque tinha seus vinte e poucos anos quando publicou seu primeiro livro de poemas. Tem uma evolução também dentro da própria poesia dele, chamemos assim, de uma poesia fortemente ligada a paisagem clássica, greco-romana, e mais tarde vai evoluindo, evoluindo, até chegar curiosamente a uma espécie de paisagem histórica brasileira. Então eu acho que essa colocação do Bilac como poeta e como homem público através do jornalismo, essa duplicidade, é que acrescentou um pouco à figura do poeta.

01:19:19:00

OFF

Invejo o ourives quando escrevo:

Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara
A pedra firo:
O alvo cristal, a pedra rara,
O ônix prefiro.

Profissão de Fé
Olavo Bilac

01:19:45:11

ANTONIO DIMAS – Doutor em literatura

Uma das, digamos, das exigências parnasianas, era um cultivo formal muito acentuado. Quer dizer, “Profissão de fé”, um poema inicial do Bilac, que é o primeiro poema que já está no seu livro de poesias, dá bem a ideia dessa, do que é essa precisão quase que milimétrica, não só em termos de ritmo, como em termos de rima, como em termos de escanção, como em termos de escolha vocabular e escolha temática. E isso provocou, quer dizer sobretudo, os modernistas quando veem depois, que eram adeptos de uma liberdade formal muito mais acentuada, pra eles o Bilac serve de padrão de referência, mas de padrão de referência como recusa. Quer dizer ‘Não queremos fazer isso que o Bilac fazia’.

01:20:45:06

OFF

Fazendo as vezes de um dicionário de rimas,
A cadeira quinze esbanja a presença de grandes poetas em sua história.
A grandiosidade de Gonçalves Dias, Olavo Bilac e Guilherme de Almeida
Abriu caminho para a inventividade de Marco Lucchesi.

01:21:05:14

MARCO LUCCHESI – Atual ocupante cadeira 15

O idioma, eu sempre costumo dizer que ele você não domina, é ele que domina você. Mais de vinte eu tenho estudado, porque me parecia e me parece ainda, que dizer idiomas é uma questão assim, não sou um colecionador de borboletas. O que me interessava estudando as línguas era chegar na língua mãe. É como na literatura comparada, e antes disso inclusive. Sempre me apaixonei pela aproximação das línguas, inventando, inclusive, uma língua que é o laputar. Isso é que me apaixona. É ler um verso, mas também descobrir no outro uma possibilidade de comunicação. E no mundo árabe, se eu não soubesse a língua, teria vivido muitas aventuras complexas. Laputar é uma língua que eu achei que era necessária fazer uma espécie de gramática, porque faltava essa gramática dessa língua que nunca existiu. Já era o momento, já se fazia esperar, e isso vem da ideia de Gulliver, dessa ilha flutuante, Laputa, ilha de Laputa, e eu achei importante criar uma gramática, dá voz a esses personagens perdidas, flutuantes, que só trabalhavam com círculos, retângulos e triângulos da voz. E aí eu consultei uma bibliografia de cinquenta anos lá pra frente, 2050/2070, bibliografia boa, que eu costumo dizer – “O livro é péssimo, mas a bibliografia é ótima.”, e com esses professores que escreveram sobre laputar dizendo que eu tinha escrito uma obra realmente magnífica!

01:22:40:10

MAURÍCIO SANTANA DIAS – Doutor em letras

O laputar realmente é mais ou menos a tentativa de combinar algumas línguas já existentes pra encontrar uma forma de expressão própria, uma língua artificial, criada, assim como o esperanto, que por muito tempo é a mais popular dessas tentativas. E o Marco faz isso, ao meu ver, como uma espécie de reflexão sobre a linguagem. Óbvio que ele não vai achar que vai criar uma língua que depois vai ser usada. Mas é uma reflexão sobre as linguagens, como que elas podem ter parentescos, analogias, e acho que é uma figura muito inquieta. Então ele está sempre surpreendendo, e esse aspecto também meio nômade do Marco, que ele é nômade na cultura e é nômade no espaço geográfico. É o que fez ele ir para os sertões, por exemplo, pra recuperar a obra do Euclides da Cunha, é o que fez ele conhecer o Deserto do Saara, a cultura dos berberes no norte da África, enfim, é um personagem complexo. Eu diria que ele é quase um personagem borgeano.

Marcos Lucchesi
Posse em 2011

01:23:58:22

MARCO LUCCHESI – Atual ocupante cadeira 15

Havia uma expressão muito interessante de Bror sobre o escritor como um cão de caça, que fareja. A única possibilidade do escritor, os dentes banguelas, alguma idadezinha já, um pouco embranquecido aqui, o focinho do escritor, mas o escritor cheira, sente aroma. Ele tem a obrigação de saber de onde vem o vento e o que traz o vento portador daquele cheiro, e o quê que ele vai construir. Uma defesa, um ataque, ou um discurso de silêncio, um grande latido. Um latido para o infinito. Mas pelo menos ainda latir se pode. É um direito canino e é um direito dos escritores latir. Parece que eu bebi, mas é assim mesmo.

01:24:28:12

VIDEOGRAFISMO

Cadeira 15

Patrono – Gonçalves Dias

Fundador – Olavo Bilac

Amadeu Amaral

Guilherme de Almeida

Odylio Costa Filho

Dom Marcos Barbosa

Padre Fernando Bastos de Ávila

Atual – Marco Lucchesi